



MORRO DO QUILOMBO

Bom dia, Raquel. Tudo bem?

Vim te escrever sobre meu trabalho a fazer parte na anecoica.

Manifestei na última aula sobre minha proposta de publicar um pequeno texto/poema junto a um desenho homoerótico, a fim de relacionar meu trabalho a outros já publicados a partir da temática por encontros afetivos.

Faltam poucos dias para a data da entrega e até então não senti vontade de fazer o desenho. “Posso tentar algo que não seja tão trabalhoso”, cheguei a pensar. Logo depois, refleti sobre este não sentir. É estranho pra mim, uma vez que quando escrevi o texto estava aflorado por vontades.

Foi então que percebi duas questões: a primeira é que este anseio, como expus na aula, trata de uma pequena parte de algo que já venho pesquisando e sentindo há algum tempo, mas que até então eu não tinha exposto publicamente de alguma forma. Li o pequeno texto/poema que havia escrito, falei sobre romances que estava lendo, sobre o que pensava de um futuro e possível título e sobre como foi engraçado imprimir duas imagens de filmes pornôns na xerox da faculdade, as quais seriam utilizadas como base pro desenho que eu tinha pensado.

Cheguei à conclusão que era isso o que este processo poderia ser nesse momento. Esta verbalização-escuta, a minha própria e dos demais presentes.

Chega, então, a segunda questão.

A proposta para a publicação desse ano é fazer uma produção que de alguma forma se conecte a uma já feita e publicada. Ainda que esta ressonância pudesse acontecer por várias possibilidades, não houve nenhum trabalho que eu olhasse e sentisse a q u e l a conexão. Do tipo que chega forte e fica no corpo.

Foi então, no fim da penúltima aula, que te perguntei:

Quem são as artistas negras/os na anecoica?

Depois de um breve silêncio e olhar pensativo, você partilha comigo reflexões que pensar artistas negros na anecoica é pensar o colegiado negro da instituição. Como sabemos, são poucos. Na pós-graduação, menos ainda. Professores, menos ainda.

Diante disso, decidi retornar para o que me vem reverberando desde cheguei aqui. Sobre onde estou vivendo atualmente, no Morro do Quilombo. Penso nesse nome não somente como espaço geográfico, mas sobre aquilombar.

Pessoas negras que se fortalecem.

É por isso, então, que para a anecoica decidi que não me faz sentido fazer um reverbete. Ao menos não um para agora.

Quero publicar este texto como um convite para um reverbete futuro.

Que as palavras que aqui escrevo ressoem como um abraço em quem delas precisar.

.

Agora são 5:32 da manhã. Acordei e num sobressalto liguei o computador e comecei a escrever.

Agora sim eu estou sentindo.